



Sessão Temática 1: Gestão social e controle social dos territórios

DE NORTE À SUL: OS TERRITÓRIOS EM RESPOSTA AOS DESAFIOS IMPOSTOS À EDUCAÇÃO DURANTE A CRISE SANITÁRIA

**FROM NORTH TO SOUTH: THE TERRITORIES IN RESPONSE THO THE CHALLENGES
IMPOSED THO EDUCATION DURING THE HELATH CRISIS**

**DE NORTE A SUR: LOS TERRITORIOS ANTE LOS RETOS IMPUESTOS A LA EDUCACIÓN
DURANTE LA CRISIS SANITARIA**

Alana Hüttner Wolter¹, Fábio Gomes da Silva²

¹ Assistente social, mestre em Política Social e Direitos Humanos (UCPel), doutoranda em Desenvolvimento Regional (UNISC), bolsista PROSUC/CAPES.

² Docente licenciado em Química e Biologia, mestre em Ciência da Educação (UPE), doutorando em Desenvolvimento Regional (UNISC), bolsista PROSUC/CAPES.

RESUMO

Em detrimento do surgimento do Novo coronavírus (COVID-19) em 2020, novos ambientes de ensino-aprendizagem surgiram e o mundo tem visto uma demanda sem precedentes pelo uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na educação. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios impostos à educação durante a pandemia, sobretudo no que tange ao uso dessas tecnologias de informação e comunicação, a partir da experiência de dois territórios: São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul e Beruri no Amazonas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que reúne pesquisa teórica e pesquisa empírica. O objetivo é mostraram como diferentes territórios responderam aos diferentes desafios que se impuseram.

Palavras-chave: Pandemia. Território. TICs. Educação.

RESUMEN

En detrimento de la aparición del Nuevo coronavirus (COVID-19) en 2020, han surgido nuevos entornos de enseñanza-aprendizaje y el mundo ha visto una demanda sin precedentes por el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) en la educación. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los desafíos impuestos a la educación durante la pandemia, especialmente en lo que respecta al uso de estas tecnologías de la información y la comunicación, a partir de la experiencia de dos territorios: São Lourenço do Sul, en Rio Grande do Sul y Beruri, en la Amazonía. . Se trata de una investigación cualitativa, que reúne la investigación teórica y la investigación empírica. El objetivo es mostrar cómo los diferentes territorios respondieron a los diferentes desafíos que se impusieron.

Palabras clave: Pandemia. Territorio. TICs. Educación.



ABSTRACT

To the detriment of the emergence of the New coronavirus (COVID-19) in 2020, new teaching-learning environments have emerged and the world has seen an unprecedented demand for the use of Information and Communication Technologies (ICTs) in education. This article aims to reflect on the challenges imposed on education during the pandemic, especially regarding the use of these information and communication technologies, based on the experience of two territories: São Lourenço do Sul, in Rio Grande do Sul and Beruri in the Amazon. This is a qualitative research, which brings together theoretical research and empirical research. The objective is to show how different territories responded to the different challenges that were imposed.

Keywords: Pandemic. Territory. TICs. Education.

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo novo Coronavírus revelou questões e situações que extrapolam as relacionadas à saúde. Muito além de uma crise sanitária, revelou-se no mundo todo, uma crise social, econômica e política. Entretanto, apesar de se tratar de uma doença global, a experiência de cada sujeito, de populações e países não são generalizáveis ao ponto de afirmarmos que todos vivenciam a pandemia da mesma forma.

O Relatório da ONG OXFAM, publicado em janeiro de 2021, convencionou chamar o vírus de “vírus da desigualdade”. Segundo o relatório, o vírus atingiu um mundo que já era extremamente desigual e nesse caso, levou a um aumento dessas desigualdades em quase todos os países. O vírus expôs, se alimentou e aumentou as desigualdades de renda, gênero e raça já existentes.

No país o governo federal não reconheceu a imensidão do problema, renegou seus efeitos sobre a classe trabalhadora mais exposta à contaminação, estimulou em parte da população posturas individualistas e contra as medidas sanitárias e o uso de medicamentos sem eficácia comprovada (BOSCHETTI e BEHRING, 2021). Além disso, não houve nenhuma intervenção nacional consolidada, com orientações para estados e municípios, o que permitiu que governos estaduais e municipais tomassem suas próprias decisões no tocante à pandemia.

Apesar de alguns esforços pontuais do Estado na busca de atender as mínimas condições de subsistência da população, como o auxílio emergencial e as políticas de



assistência social – consolidados a partir de muita pressão da sociedade e do legislativo sobre o poder executivo, foram as redes de solidariedade do território que vem se destacando na busca de uma ação coordenada frente a pandemia, gerando novas roupagens para a relação Estado e sociedade civil. Tais experiências de organização e resistência frente à crise sanitária revelam-se, sobretudo nos território marcados por vulnerabilidades sociais.

Segundo a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), apesar dados iniciais apresentarem uma dinâmica de transmissão majoritariamente concentrada em populações de classe média ou média-alta, tendo em vista aquelas pessoas que adquiriram a infecção no exterior e eventualmente transmitiram para seus contatos, o avanço da pandemia passou expressar uma invasão da doença nas comunidades periféricas, que vivem em condições de aglomeração em habitações precárias e sem saneamento básico. As dificuldades de acesso a justiça e aos mínimos sociais necessários para enfrentar uma pandemia de tamanha gravidade demonstrou que essa patologia implica nosso lugar no mundo.

A partir da suspensão das atividades presenciais como parte das medidas sanitárias de enfrentamento à pandemia COVID-19, as instituições escolares permaneceram vários meses em regime de aulas remotas ou híbridas. Durante esse período, o uso das tecnologias digitais na educação se intensificou, garantindo a continuidade do ensino durante a crise sanitária de um lado, e representaram desigualdades de oportunidades de acesso entre os estudantes, docentes e instituições de ensino, de outro.

Nesse sentido, o artigo aqui proposto é resultado da aproximação de diferentes campos de saberes que envolvem os autores no âmbito dos seus doutorados em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul.

Parte de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa documental acerca dos impactos causados pela pandemia do novo Coronavírus no Brasil, evidenciando como, apesar de se tratar de um vírus global, não é possível generalizar a experiência de cada território no que tange ao seu enfrentamento. As experiências dos diferentes territórios quanto aos desafios impostos para a educação, no Norte e no Sul, são resultado de uma pesquisa empírica que envolve entrevistas semi-estruturadas e relatos de experiência, respectivamente. A experiência que compreende o território de São Lourenço do Sul/RS é parte da dissertação de



mestrado da autora¹, ao passo que a experiência do município de Beruri/AM parte do relato de experiência do autor, enquanto professor da rede pública de ensino.

1. A PANDEMIA DE COVID-19 E SUA MATERIALIZAÇÃO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Na tentativa de compreender o fenômeno pandêmico o conceito de evento geográfico (SANTOS, 1966) fornece contribuições. A pandemia do COVID-19 pode ser definida como um evento uma vez que os eventos “são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço” (SANTOS, 1996, p. 145). O evento geográfico é um feixe de acontecimentos, cuja realização e duração variam entre lugares, regiões ou países a depender das diferentes realidades que encontra.

Por isso, um mesmo evento se dando sobre lugares diferentes e desiguais, produz combinações diversas e sua realização transita entre a minoração de implicações ou sua potencialização. No mundo todo, mas principalmente na periferia do sistema, as situações geográficas têm nas desigualdades socioespaciais seu relevo de maior destaque (CATAIA, 2020, p.234).

Cataia (2020, p.235) entende que “as desigualdades socioespaciais estão no centro da encruzilhada que vivemos no período atual, agravadas pela pandemia”. As desigualdades socioespaciais são uma expressão da diversidade de lugares, que podem ser compreendidas através de dois pares dialéticos: densidade e rarefação - distintas capacidades de isolamento domiciliar de determinados lugares e a capacidade de atendimento oferecido neles pela rede hospitalar - e pela fluidez e viscosidade, ou seja, a capacidade de difusão da pandemia em razão da fluidez de determinados lugares através dos seus sistemas de transportes (nacionais e internacionais).

As desigualdades socioespaciais estão diretamente ligadas a indicadores sociais, econômicos, do mercado de trabalho, da infraestrutura e ao acesso a serviços de saúde. Portanto, ações simples para conter a propagação do vírus como lavar as mãos com água corrente e sabão, higienizar as mãos e objetos com álcool em gel e manter o isolamento domiciliar, implicam o lugar de cada um nas classes sociais e no espaço, especialmente nas grandes cidades e suas imensas periferias (CATAIA, 2020). Muito além da ausência de



enfermidades, a saúde de uma pessoa é determinada pelas condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem, trabalham e envelhecem, as quais são moldadas pelas condições sociais, ambientais e econômicas de determinado lugar. As condições preexistentes de vida dos indivíduos, em cada lugar, explicam em grande parte sua capacidade de prevenção e sobrevivência à COVID-19. Nesse sentido, o achatamento da curva de contaminação (diminuição de contágio) é uma combinação entre a horizontalização do evento (COVID-19) e lugar, ao passo que o aumento do contágio significa a incapacidade de resposta positiva do lugar ao mesmo evento. “Positivo ou negativo, o lugar se reconfigura para responder ao evento. A estatística (curva, achatamento, pico) é um recurso abstrato das situações concretas dos lugares (CATAIA, 2020, p.241)”.

Tendo isso em vista, a pandemia causada pelo novo Coronavírus não se configura num vírus democrático, uma vez que não é indiferente às classes sociais, ao gênero, à raça, à etnia e, sobretudo, ao espaço geográfico.

O espaço geográfico nesse sentido é visto como o lugar onde materializa-se a possibilidade dos eventos. Para ele, a natureza do espaço geográfico se transforma irreversivelmente; uma mudança cultural altera nosso modo de compreender as variáveis de tempo e espaço. O que antes podia ser chamado de “meio geográfico” adquire outras nuances: territorializa os efeitos da flexibilização do modo de produção capitalista e evidencia uma alteração intensa no curso da temporalidade e da espacialidade. Tempo e espaço, portanto, fundiram-se no mundo globalizado.

Na perspectiva de Santos (2008, p.29), “o que existe são temporalidades hegemônicas e temporalidades não-hegemônicas, ou hegemônicas”. As primeiras são vetores dos agentes que dominam a economia, a política e a cultura; os demais agentes, “(...) hegemônicos pelos primeiros, devem contentar-se com tempos mais lentos” (p.29).

Grupos, instituições, indivíduos convivem juntos, mas não praticam os mesmos tempos. O território é na verdade uma superposição de sistemas de engenharia diferentemente datados, e usados, hoje, segundo tempos diversos. As diversas estradas, ruas, logradouros, não são percorridos igualmente por todos. Os ritmos de cada qual empresas ou pessoas — não são os mesmos (p.21).

A velocidade, segundo Santos (2000, p.122) é “imperativo das empresas hegemônicas, mas a grande maioria da população vive de outra forma”. Para ele, nas grandes



cidades, é possível localizarmos áreas opacas e áreas luminosas. Nas áreas opacas, espaços abertos não racionalizados, o tempo tende a ser mais lento, já que adaptado às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado. À margem da aceleração própria às áreas marcadas pela modernidade, os espaços opacos trazem a possibilidade de tornarem-se zonas de resistência (SANTOS, 1994).

A cidade é o palco de atores os mais diversos: homens, firmas, instituições, que nela trabalham conjuntamente. Alguns movimentam-se segundo tempos rápidos, outros, segundo tempos lentos, de tal maneira que a materialidade que possa parecer como tendo uma única indicação, na realidade não a tem, porque essa materialidade é atravessada por esses atores, por essa gente, segundo os tempos, que são lentos ou rápidos. Tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônicas e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemonzados (SANTOS, 2001, p. 22).

Como diria Milton Santos (1996) é nos territórios, compreendidos como espaços opacos, que está o potencial de transformação da realidade social a partir dos homens lentos, oprimidos e invisibilizados pela lógica hegemônica.

No contexto atual em que a fluidez e a simultaneidade caminham juntas e a informação é um elemento central, dessa forma o lugar apresenta-se tanto como expressão de resistência como de adaptação à ordem global. A globalização da economia, em vez de ocasionar a homogeneização dos lugares, propiciou ressaltar as suas singularidades. Assim, os lugares são um conjunto de possibilidades e “no lugar, estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado torna-se a nossa âncora” (SANTOS, 1997, p.38).

2. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO E O PROTAGONISMO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

De acordo com Boisier (2005), o termo globalização, visto anteriormente, é descritor da atual fase tecnocognitiva do desenvolvimento do capitalismo e como tal, está inserido na lógica do sistema capitalista. A característica do estágio tecnocognitivo é a simultaneidade de dois fenômenos: um ciclo de vida cada vez mais abreviado para cada geração de produtos e segundo, um custo em pesquisa, desenvolvimento e inovação cada vez maior para ir do produto da geração "n" para da geração "n+1".



Há um amplo debate sobre o avanço da globalização sobre os territórios. De um lado há autores que afirmam que a economia dominada por grandes corporações e suas decisões relacionadas às suas atividades, determinam em grande parte que tipo de atividade econômica será concentrada em que lugar – Globalizadores. Do outro, autores afirmam que, os lugares e as localidades estão sendo mais importantes em sua contribuição para a inovação e a alta tecnologia - Localistas.

O pressuposto defendido aqui é que, as “Tecnologias da Informação e Comunicação” (TICs) – representadas por computadores, smartphones e tablets, entre outros aparatos – têm modificado as diferentes relações sociais, de maneira geral, e o processo de construção do conhecimento, de modo particular.

Ladeira (2022) visando superar as linhas de pensamento que concebem as TICs como meras ferramentas didático-pedagógicas, propõe a compressão das modernas tecnologias como dispositivos que subjetivam o ensinar e o apreender na contemporaneidade. Dessa forma, o autor não negligencia o potencial pedagógico presente nos modernos dispositivos digitais.

Com a pandemia COVID-19 e a necessidade de isolamento social, as tecnologias digitais assumiram papel-chave na educação brasileira, apoiando a continuidade das atividades de ensino em todo o país. O Ministério da Educação (MEC), publicou a portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus (BRASIL, 2020).

Segundo a pesquisa TIC Educação 2021, cujos resultados foram lançados em julho do ano corrente, no segundo ano da pandemia (2021), a maioria dos professores afirmou que a escola onde atua ofereceu aulas e atividades aos alunos na modalidade híbrida (91%), combinando estratégias educacionais tanto remotas quanto presenciais. Dois quintos (39%) mencionaram que a escola onde lecionam tiveram aulas totalmente remotas, porcentagem superior à oferta de aulas integralmente presenciais (12%) no período pesquisado.



Assim como em 2020, quando a pesquisa foi realizada com gestores escolares, na atual edição, uma proporção alta de professores (94%) também apontou dificuldades dos pais ou responsáveis em orientar e apoiar os alunos nas tarefas escolares como o principal desafio para a continuidade da realização de atividades pedagógicas durante a pandemia. A falta de dispositivos e acesso à Internet nos domicílios dos alunos foi mencionada por 86% dos docentes. O aumento da carga de trabalho dos professores (85%), a perda ou dificuldade de contato dos alunos com a escola ou com os professores (83%) e as dificuldades no atendimento a alunos com deficiência (76%) foram também citados por grande parte dos docentes.

Cabe, portanto, olhar com atenção para o protagonismo assumido pelas TICs no período. Sem dúvida, o processo ensino-aprendizagem foi possível, em parte, pela disposição das famílias de internet e aparelhos como celulares e notebooks para acessar o ensino remoto e dar continuidade ao calendário letivo. Também se reconhece que os recursos educacionais digitais desempenharam um papel importante nas metodologias educacionais adotadas. Contudo, esse processo não ocorreu sem limites e dificuldades. Tendo em vista que o uso das TICs durante a pandemia não resolveu todos os problemas educacionais, o que se pretende a seguir é refletir como diferentes territórios vivenciaram o contexto pandêmico, apontando os limites e desafios, e produziram (ou não) estratégias de enfrentamento a partir de suas realidades locais.

3. OS TERRITÓRIOS EM RESPOSTA AOS DESAFIOS IMPOSTOS À EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

3.1. A experiência ao Sul: São Lourenço do Sul

O território do qual discorre a experiência aqui apresentada, trata-se da localidade de Taquaral, no município de São Lourenço do Sul/RS. Taquaral compreende o segundo distrito rural do município, localizado no Sul do estado do Rio Grande do Sul - distante 198 km da capital Porto Alegre. É subdividido em oito localidades: Cerrito, Taquaral, Harmonia II, Santa Augusta, Santa Inês, Santo Antônio, Campos Quevedos e Benedito².



Importante lembrar que no contexto rural, o computador (e seus similares) e a internet chegaram a partir de demanda da escola dos filhos, ganharam a família e tiveram superadas as dificuldades técnicas e a barreira dos custos de implantação e manutenção, atualmente sendo acessadas por todos os membros de ambas as famílias (DEPONTI; FELIPPI; DORNELLES, 2017).

Nesse sentido, o uso das TICs durante a pandemia também representou uma facilidade para as famílias, uma vez que o acesso a serviços cuja estrutura física só está disponível na zona urbana do município passou a ser acessada pela internet. A fala de uma das moradoras da localidade expressa o fato: *“E outra coisa que mudou assim é que a gente usa mais as redes sociais assim, pra resolver coisas... Assim, coisa de pagamento de banco, a gente não tinha o aplicativo do banco, agora a gente tem”*.

A Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios brasileiros (TIC Domicílio) 2020⁴ revelou que o uso das tecnologias digitais foi intensificado durante a pandemia, passando de 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019, para 83% em 2020, o que corresponde a 61, 8 milhões de domicílios com acesso à internet.

Certamente o uso das tecnologias digitais trouxe benefícios como a continuidade do trabalho através do home Office, a continuidade das atividades educacionais com o ensino remoto, a prestação de serviços públicos através de aplicativos, contudo, também acentuou as desigualdades sociais aumento o hiato entre os que possuem acesso à tecnologia e aqueles que não possuem.

3.2 A experiência mais ao Norte: Beruri

Beruri é um município localizado no interior do Estado do Amazonas, Região Norte do país, pertencente à Região Geográfica Imediata de Coari e à Região Geográfica Intermediária de Manaus. Sua população é de 20.503 habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2022).



Figura 2- Localização do município de Beruri-AM



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre (2022).

De acordo com os dados do IBGE (2010), sobre trabalho e renda, o salário médio mensal era de 1.7 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6.0%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 31 de 62 e 28 de 62, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 3792 de 5570 e 4897 de 5570, respectivamente.

Em relação à educação, segundo dados do ano de 2021, a município 5.506 matrículas no ensino fundamental e 1.191 matrículas no ensino médio. Beruri possui 63 escolas de ensino fundamental e 03 escolas de ensino médio. A taxa de escolarização de crianças de 06 à 14 anos de idade, é de 90,4%.

O município possui comunidades tradicionais ribeirinhas, para quem o rio Purus exerce um papel importante na fonte de renda, através da pesca e agricultura. É pelos rios que os comunitários ribeirinhos chegam à cidade, para venderem seus produtos agrícolas, pescados e coletados da natureza, bem como realizar suas compras no comércio local. Também é pelos rios que as crianças em idade escolar, acessam a escola. No período da vazante os alunos vão andando por caminhos que conduzem à escola ou através dos barcos, canoas ou lanchas rápidas. Já no período da cheia do rio Purus, para chegar a escola é exclusivamente por meio de barcos maiores.

Durante a pandemia de COVID-19, a Secretaria de Estado de Educação e Desporto deu início às atividades do “Projeto de Apoio a Aprendizagem Conquistar 2022”. O



CONCLUSÃO

Na educação a crise sanitária modificou a rotina de toda rede de ensino presencial e levou ao afastamento de alunos que cursavam, desde a educação básica ao ensino superior, das salas de aula. Com o objetivo de minimizar as preocupações de acesso escolar, as instituições de ensino adaptaram a nova metodologia de ensino disponível no momento, utilizando recursos digitais, levando docentes a utilizarem as Tecnologias de Informação e Comunicação.

São muitos os desafios que permeiam o uso das TICs no sistema educacional brasileiro além do acesso, como por exemplo, o grande volume de dados coletados por aplicativos, plataformas e redes sociais, considerados um ponto de atenção para especialistas, especialmente quanto ao que garante a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), em vigor desde agosto de 2020.

Além disso, é necessário ampliar a discussão sobre o uso seguro, responsável e consciente da internet e questões que envolvem, por exemplo, o cyberbullying, o discurso de ódio e a disseminação de Fake news; o compartilhamento responsável de conteúdos e opiniões; a proteção à privacidade e aos dados pessoais no uso de dispositivos digitais; e problemas de saúde física e mental causados pela internet.

Coube neste trabalho, expor como diferentes territórios, localizados em diferentes regiões brasileiras, cujas realidades são distintas, enfrentaram os desafios impostos. Entendemos que o acesso à educação de qualidade é a chave para a construção do desenvolvimento social e necessariamente passa pela discussão crítica do papel assumido pelas TICs.

Notas:

1. As representações sociais dos moradores de T acerca da pandemia de COVID-19 na localidade de São Lourenço do Sul/RS.
2. Conforme decreto n.º 2916 da prefeitura municipal de São Lourenço do Sul.
3. Disponível em: <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>
4. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/publicacoes/>



REFERÊNCIAS

- BOISIER, Sérgio. Hay espacio para el desarrollo local en la globalización? Revista de la CEPAL, Santiago do Chile, n. 86, p. 47-62, agosto de 2005.
- CATAIA, Márcio. Civilização na encruzilhada: globalização perversa, desigualdades socioespaciais e pandemia. Revista Tamoios, ano 16, n. 1, Especial COVID-19, p. 232-245, mai., 2020.
- FELIPPI, A. ; DEPONTI, C. M. ; DORNELES, M. . TICs na agricultura familiar: os usos e as apropriações no sul do Brasil. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 13, p. 3-31, 2017.
- LADEIRA, Francisco Fernandes. Reflexões sobre a incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na educação básica para além de visões instrumentais. REVASF, Petrolina-Pernambuco -Brasil, vol. 12, n.27, Abril, 2022.
- NONAKA, Lina. Ensino Híbrido e a Sala de Aula Invertida: o aluno como protagonista em:do próprio aprendizado (2018). Disponível <https://educacao.estadao.com.br/blogs/colégio-prudente/ensino-hibrido-e-a-sala-de-aula-invertida-o-aluno-como-protagonista-do-proprio-aprendizado>. Acessado em 25/09/2022.
- SANTOS, Milton. Da totalidade ao Lugar. São Paulo: Editora Edusp, 2008a.
- _____. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008b.
- _____. O Espaço do Cidadão. 7 ed. São Paulo: Editora Edusp, 2007.
- _____. Por uma outra globalização:do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. Guerra dos lugares. Folha de S.Paulo, Caderno Mais, 8 ago. 1999.
- _____. A natureza do espaço:técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996a.
- _____. O Lugar: Encontrando o Futuro. Rua Revista de Arquitetura e Urbanismo, BAHIA, v.4, n.1, p. 34-39, 1996b.
- _____. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.